

«O PROBLEMA DOS AMERICANOS
É QUE NÃO TÊM CONSCIÊNCIA DAS SUAS LIMITAÇÕES»

Eric Hobsbawm*

Anos interessantes. Uma vida no século xx pode parecer uma conclusão otimista mas é o título do livro de memórias de Eric Hobsbawm. Nascido em Alexandria em 1917, numa família de judeus de origem britânica, muda-se para Viena e posteriormente para Berlim, onde assiste à ascensão de Hitler e começa a sua militância comunista antes de se exilar na Grã-Bretanha. Intérprete de Che Guevara e testemunho do Maio francês, tem sido um historiador minucioso e brilhante, a quem a sorte e a curiosidade têm feito atravessar difíceis fronteiras. Cruzou a raia espanhola na Guerra Civil e agora internou-se nas fronteiras do passado, que considera outro país, talvez inalcançável. Para ele, foi um desafio ser comunista na Inglaterra da guerra fria e conseguir o sucesso profissional que agora avaliza as suas obras, convertidas em referência para os estudiosos. A trama das suas memórias é a vida de um historiador chegado ao século mais terrível e ao mesmo tempo mais esperançoso que a humanidade viveu. Diz que o faz a partir de um segundo plano, mas a potência literária do seu relato, unida ao seu conhecimento das chaves do século, coloca os leitores em primeiro plano. A partir dessa experiência, iniciamos um diálogo. As brasas da guerra ainda estão fumegantes no Iraque. O século XXI talvez não seja tão espiritual como Malraux sonhou.

Para os leitores que não viveram esta época, tem interesse o testemunho de alguém que esteve presente — afirma Eric Hobsbawm. Os contemporâneos entendem a atmosfera dos tempos.

ABC: Talvez nos dê uma escala humana de acontecimentos cuja dimensão catastrófica nos escapa realmente...

Eric Hobsbawm: Sim, mas a minha vida não foi uma vida central, foi tranquila, pacífica no centro de um século catastrófico.

ABC: Existe alguma lição que o século xx tenha deixado clara?

EH: A minha grande conclusão é a combinação paradoxal entre enormes catástrofes humanas e um progresso extraordinário, não só técnico, mas também na vida pessoal da maioria dos seres humanos. Hoje vivemos melhor que os nossos avós, mais anos e com mais oportunidades, e isso para a grande maioria, ainda que haja extensas zonas de excepção.

ABC: A manifestação planetária contra a guerra ou o movimento antiglobalização são uma resposta a esse paradoxo?

EH: No início deste século, existe uma mobilização de consciências maior do que, inclusive, na época da guerra fria. Contra a guerra do Iraque, manifestaram-se pessoas que nunca antes terão participado em actividades políticas. É um fenómeno novo, mas não se pode esquecer que segue o carácter do século xx: a continuação do progresso através de grandes catástrofes. Não se pode subestimar o que esta guerra irá trazer ao pobre povo iraquiano. Mas ainda não avaliamos tudo o que significa.

ABC: Estarão assim tão unidos o progresso e a catástrofe?

EH: Parece-me que o progresso tem sido independente dos esforços políticos do homem, excepto depois da Segunda Guerra Mundial, quando a política dos Aliados se esforçava por evitar os perigos da época anterior, o que levou à introdução de reformas no capitalismo, tornando-o mais humano. Mas isso hoje, extinguida a URSS, mudou.

ABC: Em sua opinião, que pode hoje reivindicar o comunismo?

EH: É uma pergunta difícil. Talvez seja mais fácil hoje ver aspectos positivos em 80 anos de comunismo na Rússia. Acredito que sobreviva ao comunismo a sua crítica ao capitalismo e mais ainda, talvez, no futuro, a crítica ao imperialismo, sobretudo o que estamos a ver nascer agora. Vamos ver enormes dificuldades e enormes problemas para a economia capitalista que exigem grandes mudanças. O que parece é que os movimentos sociais e políticos serão muito diferentes dos do século xx.

ABC: Que impacte atribui ao fenómeno da imigração no Ocidente? Muitos interrogam-se sobre se é melhor assimilar os recém-chegados para evitar os choques culturais.

EH: O problema é muito mais grave na Europa, onde uma grande parte dos Estados tem uma grande homogeneidade cultural e linguísti-

ca. Nos Estados Unidos, foi mais fácil assimilar grupos de todo o tipo de origens. Ali, curiosamente, foram as minorias indígenas americanas as que mais dificilmente se integraram. Os americanos sabem que são filhos de imigrantes. Existem mais tensões quando a imigração tem uma pele diferente. É um argumento contra a imigração ilimitada, porque existem grandes dificuldades na Europa, inclusive em países com uma tradição de tolerância, como os escandinavos. Deveríamos estudar o caso de duas nações que estiveram dispostas a aceitar imigrantes na base de uma cultura homogênea: o Canadá e a Austrália.

ABC: Não acredita no choque das civilizações. Como analisa esta guerra do Iraque?

EH: O Iraque faz parte da tentativa dos Estados Unidos de estabelecer a sua supremacia material e militar no mundo. É uma guerra de agressão absolutamente clara, contra um regime feio, é certo, e fraco. Mas nada tem a ver com o medo de uma sublevação do Islão. O Islão nunca teve força suficiente desde a queda do Império Otomano.

ABC: Os Estados Unidos afirmam que a queda do Iraque assegurará o futuro da região...

EH: Não tem nada a ver com isso. Existe, isso sim, algo mais do que um velho imperialismo em tudo isto. Os Estados Unidos e a URSS foram impérios ideológicos que sonhavam com um mundo à sua imagem. A Rússia nunca teve força para sair de um grande mas limitado enclave do mundo. Os Estados Unidos tiveram a supremacia e agora um pouco de megalomania. Mas não terão possibilidade de transformar o mundo à sua imagem e semelhança.

ABC: Procuram a sua «pax romana»?

EH: A «pax romana» não era mundial. O império romano reconhecia outros impérios além das suas fronteiras, como fizeram todos os impérios da história. Os bárbaros eram sempre uma força que não se devia desprezar. No século XIX, o império britânico estava também consciente das suas limitações. Nunca teve a intenção de controlar a situação mundial.

ABC: Será este o calcanhar de Aquiles do império dos Estados Unidos?

EH: O problema dos americanos é que não têm consciência das suas próprias limitações nem muitos conhecimentos do mundo.

ABC: Como avalia o papel da Grã-Bretanha e da Espanha no conflito?

EH: O princípio fundamental da política internacional inglesa desde a última guerra foi não perder o contacto com os Estados Unidos. O

que não entendo é o entusiasmo visível de Blair por este projecto de império global norte-americano com ajuda inglesa. No passado, apesar da solidariedade oficial, os ingleses tiveram sempre uma certa reticência, por exemplo na guerra do Vietname, quando houve pressões para o envio de tropas. O governo trabalhista de então recusou-se. Hoje, um terço das Forças Armadas da Grã-Bretanha está no Iraque.

ABC: E a Espanha?

EH: Entendo o seu papel. Aznar deve estar a prosseguir certos objectivos diplomáticos como contrapartida pelo apoio prestado, mas é evidente, mais em Espanha do que em Inglaterra, que o povo não sente grande entusiasmo pela guerra.

ABC: E como avalia a coincidência da França, Alemanha e Rússia na sua posição contra a guerra?

EH: Segundo a lógica do velho sistema internacional, perante o perigo de uma grande potência, deve-se controlá-la na medida do possível. O ministro dos Negócios Estrangeiros francês disse com toda a razão: na guerra fria, o problema era conter a URSS. Hoje em dia, o problema é conter os Estados Unidos, não porque sejam o império do mal, mas porque são uma potência que funciona com a lógica dos conquistadores.

ABC: Pensa que entidades como a UE poderão superar os problemas da globalização?

EH: A característica da globalização é que quase todos os aspectos se globalizam, excepto a política. Nada foi criado até agora que possa substituir o sistema de Estados-nações. Acontece o mesmo com instituições que permitem a vertebração da vida civil, parlamentos e tribunais, que a nível internacional são muito diferentes. E a pressão da opinião pública, que quase não tem meios para se exprimir fora do seu estado. A UE é um progresso, sem dúvida, mas muito limitado, mais fraco no plano político do que no económico e jurídico.

ABC: Estas estruturas supranacionais convivem com o auge de nacionalismos dissolventes do Estado-nação. Qual é a avaliação que faz?

EH: O mais curioso é que este é um fenómeno europeu, não mundial, salvo alguma excepção. A América do Sul, por sorte, não teve esse problema de movimentos étnico-linguísticos, em grande parte por causa da unificação do espanhol. Nos Estados Unidos, o separatismo está proibido pela Constituição, mas a sua autonomia não tem comparação com uma federação de base étnica ou linguística como a que existe em Espanha. O problema é bastante grave, porque me parece que está a enfraquecer os Estados grandes, capazes de uma actuação relevante e de resistirem aos elementos transnacionais. Também me

parece que existem perigos de uma provincialização que nasce contra culturas e, sobretudo, línguas capazes de actuar de modo internacional, como sucede em Inglaterra com o País de Gales. É importante que se conserve a língua galesa céltica, mas é inevitável que a comunicação dos galeses com o mundo não se faça em galês. Não pode ser um idioma análogo ao inglês. Este é também o caso de Espanha com o euskera. O galês é falado por 20% da população. Nas universidades galesas, existe uma preocupante tendência para insistir em que o pessoal docente fale galês. Não se pode escolher um professor de Física ou de Geografia em função do seu conhecimento de galês.

ABC: Isso também acontece por aqui.

EH: Estes problemas são uma provincialização excessiva, cujo custo é pago pela população em geral. Nesses lugares costuma haver minorias que se convertem em beneficiários desta provincialização. A maior parte da população não costuma ganhar nada com isso. Não são problemas que se resolvam sozinhos, mas devem evitar-se os excessos.

ABC: Na Viena da sua infância existia pluriculturalismo e não plurinacionalismo. É menos perigoso?

EH: É difícil dizê-lo. Temos de definir pluriculturalismo. Os EUA, por exemplo, têm uma cultura e uma língua — ainda que talvez se torne em breve um país bilingue — mas aí houve pluriculturalismo mesmo antes de ser institucionalizado como tal. Diferentes culturas tinham ali os seus bairros, mas sem reconhecimento oficial. Por isso, o multiculturalismo não foi um problema até surgir a concorrência para o controlo de algumas instituições. Nos Estados Unidos, o grande princípio que está na Constituição é a tolerância, sobretudo religiosa. Aconteceu o mesmo com a Índia de Nehru. Um país que era por essência multireligioso.

© jornal ABC, 12/4/03

Entrevista de Jesús García Calero

* Eric Hobsbawm: nasceu em Alexandria em 1917, numa família de judeus de origem britânica. Mudou-se, mais tarde, para Berlim, onde assistiu à ascensão de Hitler e começou a sua militância comunista antes de se exilar na Grã-Bretanha. A sua obra mais célebre, *A Idade dos Extremos* (1994), está editada em Portugal.

Tradução de Constança Metello de Seixas